

DE GOTHA AO PLANALTO DE PIRATININGA: SOBRE A VIDA E A OBRA DE JULIUS FRANK*

FROM GOTHA TO THE PIRATININGA PLANALT: ON JULIUS FRANK'S LIFE AND WORK

*João Baptista Villela***

Das muitas deferências que a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo já me proporcionou — incontáveis convites para atos que vão de argüições acadêmicas a exposição de idéias — nenhuma houve que me comovesse tanto como a de ser o orador da presente solenidade. Nem mesmo a avaliação institucional externa do Departamento de Direito Civil, que exerci junto com o professor Diego Corapi, da Universidade *La Sapienza* de Roma.

Não diria que a razão intrínseca de meu sentimento resida na importância, a todos os títulos singular, de Julius Frank para a cultura nacional, particularmente a que se expressa no âmbito das humanidades. Outros assuntos em que me envolvi por iniciativa desta venerável Instituição reclamavam tal preparo para o seu desempenho e exigiam tal zelo no seu exercício que não os posso qualificar, sem sacrifício da boa proporcionalidade dos juízos, como de secundária relevância. Não está, aí, portanto, a diferença.

A saga mítica de Julius Frank, se, por um lado, tende para a universalidade, é, por outro, demasiado íntima e familiar desta corporação de professores e alunos para que eu deixasse de me sentir na desconfortável situação de quem pisa um chão que não é o seu, arroga-se um verbo que melhor coubesse aos da própria Casa e se permita, enfim, um trato que ao estranho não fica bem. Do embaraço de intruso afastou-me o convite do Diretor, professor Eduardo Marchi, por iniciativa de quem me vi conduzido a este ambiente de atos e palavras propostos a celebrar a vida, a obra e a transcendência de Julius Frank.

Se a familiaridade imposta constrange e incomoda, aquela que se recolhe por mercê do anfitrião, ao contrário, edifica, conforta e eleva. É de tais sentimentos. Senhores professores, estudantes e funcionários, que me sinto agora possuído, tal como o convidado a quem se toma pela mão na porta de entrada para o conduzir aos aposentos da coloquialidade e do fogo doméstico. Para cúmulo da distinção, dão-me os Senhores o

Oração pronunciada em 10 de agosto de 2006 no Pátio Julius Frank, por ocasião das solenidades comemorativas do 179º aniversário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

** Professor Emérito na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do Conselho Editorial da *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*.

privilégio da palavra no espaço a que — entre tantos tão nobres de sua Casa — Spencer Vampré chamou o “claustro mais íntimo da Faculdade”¹

Com ter sido magnânimo, o convite do professor Marchi, quero crer, não foi uma *actio libera in causa*, se me permitem os colegas penalistas o uso metafórico da expressão. Vale dizer, não foi gratuito, no sentido de que não o tivessem conduzido motivações mais ou menos significativas. O professor Marchi sabia bem de minha paixão pela figura de Julius Frank.

Para falar sobre ela — a paixão, não a figura — permitam-me que ceda, por um breve momento, às tentações do memorialismo de média distância.

Não sei quando foi que ouvi falar, pela primeira vez, de Julius Frank, nem o quanto de informação casual fui acumulando ao longo dos anos sobre ele e sobre sua obra, a mais conhecida de todas é a lendária *Bucha*, fantasmática e popular a um só tempo. Suponho que ao tempo de meus estudos acadêmicos, uma informação mínima sobre Frank e a *Bucha* devia pertencer ao cânon da iniciação jurídica, tanto quanto a criação dos cursos de direito no Brasil, a *Oração aos Moços*, de Ruy Barbosa, e alguns traços lítero-biográficos de Álvares de Azevedo, Castro Alves, Fagundes Varela, entre outros. Estas figuras — Ruy, Castro Alves, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela — faziam uma espécie de meio de campo entre o colégio e a academia. Estavam bem ali, no epicentro das conexões que ligavam os estudos de nível médio à Universidade e eram invariavelmente cobradas no vestibular. De sorte que aprender sobre elas, era também aprender um pouco sobre a criação dos cursos jurídicos no Brasil e o papel da “mocidade, que atrás do som fantástico corria” — se me consentem evocar este belo verso de Bocage² —, em contraste com a pacata vida política e social do Primeiro e do Segundo Reinado.

Deixo este cenário do que poderiam ser meus primeiros contatos com a temática de Julius Frank, porventura ainda alimentados e enriquecidos no tempo sucessivo por freqüentes visitas de trabalho à vossa Faculdade e descontraídas interlocuções com os colegas uspianos. Entre tantos de simpática figura, permitam-me evocar, com saudade e reverência, o *causeur* admirável que foi o professor Alexandre Augusto de Castro Corrêa, com quem costumava passar todo o tempo em que pudesse estar a ouvi-lo.

¹ VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a História da Academia de São Paulo*. 2. ed. Brasília: INL - Conselho Federal de Cultura, 1977. v. 1. p. 166.

² Do soneto “ditado entre as agonias do seu trânsito final”, transcrito de MOURÃO, Maria Antônia Carmona; NUNES, Maria Fernanda Pereira (sel. e intr.). *Bocage: Antologia Poética*. 3. ed. [s. l.]: Bibl. Ulisseia de Autores Portugueses, 1998. p. 102.

Deixo este cenário — dizia —, e me vejo, em algum momento qualquer, menos enevoado pela distância do tempo, na cidade de São Paulo. Devo ter vindo para alguma atividade acadêmica nas velhas Arcadas ou no Centro de Extensão Universitária, em cujo magistério, desde há muito, também colaboro. Certo é que estou então entregue ao lazer preferencial de minhas horas livres, quando aqui me encontro: percorrer os alfarrabistas, em busca de novidades, que, neste caso, por antífrase, vêm a ser autênticas *velharias*.

Pois bem, em um dos sebos — pois que, entre nós, assim melhor se chamam — dou com um amontoado de folhas encardidas, soltas e mal acomodadas entre velhas guardas. Tudo reunido, teria sido, em algum tempo, isto a que chamamos *um livro*. Descubro a página de rosto e ali estão autor, título, local de edição e editor. Reproduzo-os agora pela ordem: C. von Koseritz/ *Bilder aus Brasilien*/Leipzig und Berlin/Verlag von Wilhelm Friedrich/1885. A página de rosto informa ainda que a obra tem um prefácio de A. W. Sellin e contém 19 ilustrações segundo tomadas originais. O estado da obra era tão miserável que muito mais terei pago pelo seu restauro, verdadeiramente dispendioso e — pior — mal sucedido, que pela sua aquisição no que uma vaga lembrança me diz ser o sebo de nosso colega Dr. Francisco Steidle, bacharel, sim, pela Universidade Mackenzie, o popular *Chicão*, figura maior no comércio alfarrabista de São Paulo.

O encontro com o livro de von Koseritz marca o início de uma nova idade nas minhas relações com o tema Julius Frank. Logo se saberá por quê. Quero, primeiro dizer algo sobre o autor.

Carl von Koseritz era alemão de origem. Nasceu em Dessau no ano de 1830, vindo a falecer em Porto Alegre no dia 30 de maio de 1890. Aportou ao Brasil em 1851, quando tinha, portanto, apenas 21 anos de idade.³ A condição sob que desembarcou no também jovem Império não era a de um imigrante comum. Von Koseritz chegava como canhoneiro do 2º Regimento de Artilharia e devia integrar as forças mercenárias recrutadas para o serviço do Império por Sebastião do Rego Barros.⁴

³ Não são precisas as informações quanto à idade de von Koseritz quando desembarcou no Rio de Janeiro em 1851. Afonso Arinos e Carneiro o dão com 21 anos: FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Prefácio. In: KOSFRITZ, Carl von. *Imagens do Brasil* [Bilder aus Brasilien]. São Paulo: Liv. Martins Ed. Ed. Universidade de São Paulo, 1972. p. XIII; CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1959. p. 8. Oberacker Jr. diz que a data de nascimento, “comprovada por certidão”, é 3 de fevereiro de 1834. Portanto em 1851 Koseritz teria não muito mais ou muito menos que 17 anos, dependendo do dia preciso do desembarque: OBERACKER JR., Carlos. *Carlos von Koseritz*. São Paulo: Anhambi, 1961. p. 19. Mas o próprio Oberacker Jr. se reporta a um depoimento de Koseritz, no qual ele mesmo, ao se referir à sua ida para Pelotas em 1852, diz estar então com 22 anos; logo teria nascido em 1830 e não 1834: Cf. OBERACKER JR. *Carlos von Koseritz* cit., p. 22.

⁴ Também não está claro se Koseritz veio já integrado na tropa de mercenários ou era apenas um grumete do veleiro Heinrich, que a transportava. Afonso Arinos: “[...] veio para o Brasil na tropa mercenária engajada

O fim era intervir na guerra contra o ditador argentino Manuel Ortiz de Rosas. Um de seus biógrafos, Carlos Oberacker Jr., chega a listá-lo na curiosa unidade militar que teria sido o “Segundo Regimento da Reserva da Cavalaria Montada a Pé”,⁵ paradoxo que minha magra cultura castrense jamais logrou entender. Bem, o fato é que, segundo Oberacker Jr., von Koseritz em tempo algum “esteve na frente de combate, como aliás a maior parte dos legionários desse corpo heterogêneo e de pouca força combativa”⁶ Acabou dedicando-se ao jornalismo e à vida política. Foi representante do povo do Rio Grande do Sul por 4 legislaturas na Assembléia Legislativa. Entregou-se intensamente ao jornalismo. Segundo Afonso Arinos de Melo Franco, que viria a ser o tradutor para o português do citado *Bilder aus Brasilien*, em perfil que traça de von Koseritz, foi este “fundador ou redator de mais de dez folhas provincianas, de todos os gêneros: diárias ou periódicas: literárias, políticas, humorísticas, maçônicas ... Desses jornais o mais importante foi, sem dúvida, o ‘Koseritz Deutsche Zeitung’ (1864-1885), que teve grande difusão no Rio Grande, Paraná e Santa Catarina, chegando a tornar-se o verdadeiro órgão de expressão do pensamento e das reivindicações dos alemães do Brasil meridional”⁷

Depois de assinalar que a *atividade marcante* de Koseritz foi o jornalismo, observa Afonso Arinos de Melo Franco que, entretanto, ali não atuou com exclusividade, “porquanto em muitos outros terrenos agiu Koseritz. Foi professor, literato, homem de ciência, político militante e ardoroso anti-clerical”⁸ Para Guilhermino César, assim como Tobias Barreto foi o chefe da Escola do Recife ou Escola Teuto-Sergipana, a von Koseritz coube chefiar a Escola Alemã de Porto Alegre.⁹

Da tradução de Afonso Arinos, foi possível identificar três edições distintas de *Bilder aus Brasilien*, assim ordenadas cronologicamente: uma em São Paulo, de 1943, sob responsabilidade da Livraria Martins Editora, integrante da Biblioteca Histórica Brasileira, de que constitui o volume XIII, dirigida por Rubens Borba de Moraes. Outra, de 1972, por ocasião do Sesquicentenário da Independência do Brasil, também em São Paulo e ainda com o selo da Livraria Martins Editora. Esta edição igualmente vem indicada como sendo da Biblioteca Histórica Brasileira, mas sem que

por Sebastião do Rego Barros para o serviço do Império”: Prefácio ..., cit., p. XIII. Carneiro: “Vinha como grumete do veleiro ‘Heinrich’ que transportava parte dos 1900 soldados e 52 oficiais componentes da ‘Legião Alemã’ que o império mandara buscar para sua luta contra Rosas. Abandonando o barco, Koseritz conseguiu engajar-se na ‘Legião’”: *Karl von Koseritz* ..., cit., p. 8. Oberacker Jr.: “No Rio de Janeiro, Koseritz despediu-se do mar e ingressou na legião de estrangeiros, que o Governo Brasileiro organizara para servir na guerra contra o ditador argentino Rosas”: *Carlos von Koseritz* ..., cit., p. 21.

⁵ Cf. *Carlos von Koseritz* ..., cit., p. 21.

⁶ *Carlos von Koseritz* ..., cit., p. 21.

⁷ Prefácio..., cit., p. XIII-XIV.

⁸ Prefácio..., cit., p. XIV.

⁹ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Rio de Janeiro; Pôrto Alegre; São Paulo: Ed. Globo, 1956. p. 255.

figure o diretor da série. Finalmente, uma última edição, em Belo Horizonte e São Paulo, de 1980, sob responsabilidade conjunta da Livraria Itatiaia Editora Limitada e da Editora da Universidade de São Paulo. Integra a Coleção Reconquista do Brasil, dirigida por Mário Guimarães Ferri e de que constitui o volume 22. Em todas as edições o prefácio vem datado de 1941, o que faz presumir que o texto não haja sofrido revisão de uma para outra. A de 1980, contudo, traz um ilustrativo *Apêndice*, precedido de uma pequena nota assinada com as iniciais A. A., certamente de *Afonso Arinos*. Este Apêndice, que A. A. atribui “à gentileza do escritor gaúcho Valdemar de Vasconcelos” consta de dois textos. O primeiro deles é um patético depoimento de Koseritz sobre prisão domiciliar supostamente ilegal e cruel que sofreu, acompanhada de vexames e traumas impostos à sua mulher enferma e às suas filhas. Chama-se “Explicação Necessária” e está precedido de uma pequena nota que o declara extraído do arquivo de Valdemar Vasconcelos e que contém a seguinte informação: “O autor deste artigo o escreveu horas antes de morrer, repentinamente” (p. 281). O outro texto do Apêndice é o comovente necrológico de Koseritz escrito por Assiz Brasil, que fora seu amigo, mas de quem se tornara, depois, adversário político, e onde o respeito e a admiração tributados ao morto convivem lealmente com o registro indisfarçado, mas discreto da crítica. Além do Apêndice, a edição contém uma extensa *Bibliografia de Koseritz Atinente ao Rio Grande do Sul*, assinada por Abeillard Barreto (p. 297-305). Aí se indica *Imagens do Brasil*, com tradução, notas e prefácio de Afonso Arinos como de 1934. Trata-se, evidentemente, de uma inversão de posições entre o 3 e o 4, isto é, 1934 está por 1943, uma vez que o prefácio de Arinos está datado, como se disse, de 1941. E o erro está lá e não aqui, já porque, conforme relataria depois Afonso Arinos, em suas memórias, o trabalho foi feito quando afastado dos serviços do Banco do Brasil, por ordem de Getúlio Vargas, em represália a ter assinado o *Manifesto dos Mineiros*.¹⁰

Um cuidadoso registro biobibliográfico de Koseritz pode ser também encontrado em Sacramento Blake.¹¹

Bilder aus Brasilien ou *Imagens do Brasil* tem prefácio original de A. W. Sellin.

Deixo de parte, *brevitatis causa*, considerar mais detidamente o prefácio de Albert Wilhelm Sellin, um erudito alemão, cerca de 10 anos mais jovem que von Koseritz e que viveu longo tempo no Brasil como professor. Retornou à Alemanha para

¹⁰ Cf. FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *A Alma do Tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979. p. 369-371.

¹¹ Cf. SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1893. v. 2. p. 79-82. Sacramento Blake grafá ai, reiterada, mas injustificadamente, *Kozeritz* por *Koseritz*.

depois voltar ao Brasil, mandatado para fundar a *Hansa*. Foi uma figura polimorfa, chegando a envolver-se com o pensamento de Rudolph Steiner, fundador da Antroposofia, a cujo respeito publicou o livro *Antroposophische Betrachtungen*, que alcançou uma segunda edição em 1918.

A público veio *Bilder aus Brasilien* primeiro sob forma de diário de viagem, no jornal *Koseritz Deutsche Zeitung*, editado pelo autor em Porto Alegre. Na *Bibliografia de Koseritz*, já referida, e organizada por Abcillard Barreto, diz-se que os textos eram simultaneamente publicados na *Gazeta de Porto Alegre*.

Para José Fernando Carneiro *Bilder aus Brasilien* é a melhor obra de von Koseritz — “uma coleção preciosa de artigos, cheios de observações agudas e de descrições, ou melhor, de aquarelas feitas com mão de mestre”¹²

Do *Bilder aus Brasilien* disse seu tradutor Afonso Arinos, que “em nenhum outro livro” de seu conhecimento e referente ao mesmo período, as informações são mais copiosas, as críticas mais oportunas e as reflexões mais justas” E Sellin, no prefácio da edição alemã, que escreveu de Leipzig, chama a atenção para o fato de a condição de Koseritz como “um exato conhecedor das coisas brasileiras” não ser posta em causa mesmo pelos seus *adversários políticos mais ferrenhos*.¹³

Já passa da hora de dizer aos Senhores em que espaço virtual von Koseritz se encontra com Julius Frank, já que seguramente não se conheceram.

Bem, entre as páginas 368 e 373 de seus *Bilder aus Brasilien*, von Koseritz se ocupa de uma interessante visita que fez às Arcadas, levado pelas mãos de estudantes gaúchos que aqui faziam o seu curso de direito. A crônica está datada de 9 de novembro de 1883 e foi redigida com invulgar atenção e acribia. Até os nomes dos estudantes da Província do Rio Grande do Sul, que o foram apanhar para a visita, von Koseritz faz empenho em não deixar sem registro. Em escassas 5 páginas do livro, von Koseritz descreve a Academia do Largo de São Francisco com riqueza de pormenores, sempre acompanhados de observações ou comentários próprios de um observador crítico e atento. Nada escapou ao seu olhar arguto e esquadrinhador, desde a localização topográfica, passando pelo estado das salas de aula, incluindo paredes e carteiras, a biblioteca, os exames, e até mesmo as perspectivas políticas e sociais que se abriam aos jovens com a formação jurídica. Sobre esta visita *in extenso* escrevi eu próprio um não muito breve ensaio para o *Liber Amicorum* de Jürgen Samtleben, jurista alemão que

¹² Karl von Koseritz..., cit., p. 27.

¹³ *Schroffste politische Gegner* no original de Sellin, que Afonso Arinos traduziu por “mais rudes adversários políticos”: Cf. SELLIN, A. W. Vorwort. In: KOSERITZ. *Bilder...*, cit., S. V.; ARINOS In: KOSERITZ. *Imagens...*, cit., p. XVII.

muitos dos presentes gozam do privilégio de conhecer e que tem na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco uma das estações de sua formação acadêmica.¹⁴

Ponto central da visita de von Koseritz — *et pour cause* — foi Julius Frank. E antes que passe a ele, quero explicar porque o relato de von Koseritz fez-me renascer, com particular intensidade e motivação, o interesse pela vida e pela obra de Julius Frank. Considero, de todas as fontes que consultei sobre Frank até hoje, o texto de von Koseritz como, de longe, o mais surpreendente, o mais enigmático, o mais desconcertante e, ao mesmo tempo, o mais rico de provocações para novos estudos e originais investigações. Com o que não pretendo afirmar que seja o mais exato nem que esteja isento de imprecisões ou não suscite perplexidades.

A forma como Koseritz introduz o assunto *Julius Frank* nas suas observações é sintomática. Não se tratava, apenas — interpreto eu — de conhecer mais uma *atração* ou curiosidade da Academia: o seu túmulo, marco indelével da história acadêmica do Brasil, em torno do qual nos reunimos nesta celebração. Koseritz devia ter ouvido falar ou mesmo lido muito sobre Julius Frank.

De resto, recuo ao momento inicial da visita de Koseritz e me permito registrar, com o devido respeito a Afonso Arinos, divergência com sua tradução, pequena mas que não creio totalmente destituída de conseqüências.

Koseritz diz que foi “apanhado” (*abgeholt*) pelos estudantes. Afonso Arinos traduziu *abgeholt* por “convidado”¹⁵ O sentido pode ser o mesmo, mas pode também não ser. Normalmente para “convidado” usa-se *eingeladen*, do verbo *einladen*. *Abholen* ou “apanhar” sugere um concerto anterior, como quando, por exemplo, alguém *apanha* um amigo no aeroporto, ou na estação ferroviária, sabendo previamente de sua chegada. Que importância pode ter isso aqui? *Abholen* faz pensar que a visita já devia estar nos planos de Koseritz, o que, a ser verdade, dá mais credibilidade às suas descrições e interpretações.

É de supor que Koseritz, jornalista, literato, político e profundamente envolvido com a colônia alemã no Brasil, tivesse informações acerca de Frank muito antes de sua visita à Academia de São Paulo. E, portanto, já cogitasse de fazê-la antes de sua partida do Rio Grande do Sul. Contra esta suposição, porém, deve-se honestamente considerar a observação de Sommer, quiçá porém feita sem maior rigor, pelo caráter de *obiter dictum* que assume em seu registro, segundo o qual Koseritz “ouviu falar de Julius

¹⁴ VILLELA, João Baptista. Von Koseritz nas Arcadas. In: KLEINHEISTERKAMP, Jan & LORENZO IDIARTE, Gonzalo A. (coord.). *Avances del Derecho Internacional Privado en América Latina: Liber Amicorum Jürgen Samtleben*. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 2002:745-763. Muitas das informações aqui contidas, extrai-as, por vezes literalmente, deste meu estudo em homenagem a Jürgen Samtleben.

¹⁵ ARINOS. In: KOSERITZ. *Imagens...*, cit., p. 254.

Frank em uma visita a São Paulo em 1883”¹⁶ isto é, quando das observações que deixou expressas nos *Bilder aus Brasilien*.

Como quer que seja, restituiu a palavra a von Koseritz quando emerge no relato a figura de Frank.

Vistas as instalações materiais, observados os estudantes, anota Koseritz:

“[...] e então dirigimo-nos ao que de tudo mais me interessava: o túmulo do falecido Professor Julius Frank, que no ano de 1841 foi sepultado a expensas da Academia (ele era protestante) em um dos pátios interiores do edifício”¹⁷

Em seguida, descreve o túmulo em sua austera sobriedade:

“É um mausoléu simples de arenito, cercado por uma grade de ferro, esta sepultura do professor alemão da juventude brasileira. Na parte frontal consta a inscrição:

Julius Frank

Gotha. 1809 — 1841”¹⁸

Peço licença para uma nova divergência com a tradução de Afonso Arinos. Reproduzida a inscrição no túmulo de Frank, assim continuou Koseritz:

“Ich stand tief ergriffen am Grabe dieses Mannes”¹⁹

Afonso Arinos verteu assim para o português: “Fiquei profundamente absorvido junto ao túmulo daquele homem”²⁰

Tenho para mim que *absorvido* não é aí, definitivamente a palavra certa. *Ficar absorvido* pode ou não envolver atenção. Mas é certo que não envolve conteúdo emotivo. *Tief ergriffen* soa-me, antes, como “profundamente tomado” quase como se, naquele instante, o túmulo fosse o sujeito e Koseritz o objeto. *Ergreifen* é verdadeiramente “tomar, segurar, fazer-se senhor de” E *ergriffen werden* é o mesmo na voz passiva. Isto é, “ser tomado” *Ergreifen* é o verbo que se usa para denotar, por exemplo, a empolgadura violenta do poder político, ou o acesso irremediável de uma enfermidade. É a palavra que se usaria para, digamos, *tomar as rédeas do poder, ser tomado pela febre*, etc. Logo, penso que Koseritz se tenha sentido verdadeiramente

¹⁶ SOMMER, Friedrich. Wahrheit und Dichtung um Julius Frank (1808-1841). *Uhles Jahrbuch*, São Paulo — Rio de Janeiro, 32. Jg., 1938, S. 170.

¹⁷ *Bilder ...*, cit., S. 369.

¹⁸ *Bilder ...*, cit., S. 369.

¹⁹ *Bilder ...*, cit., S. 369.

²⁰ In: KOSERITZ. *Imagens...*, cit., p. 254.

tomado (de emoção) diante da sepultura, e não apenas *absorvido*. Essa interpretação é tanto mais de aceitar quando se tem em conta as reflexões que Koseritz, a seguir, desenvolve em torno do destino trágico e épico de Julius Frank.

Koseritz diz ter conhecido velhas pessoas que ainda se inflamavam de juvenil entusiasmo quando recordavam Frank, seu antigo professor. Exalta o domínio da língua portuguesa por Frank e atribui-lhe ter rasgado no Brasil o caminho vitorioso da concepção alemã da história e da filosofia de Kant e de Fichte. Ele, Julius Frank. o professor protestante na católica Academia! Era um novo *Evangelho do Iluminismo* o que o “estudante” (provavelmente alusão à pouca idade de Frank) pregava no velho mosteiro aos jovens do Brasil que procuravam o saber na Academia. E a semente, vale dizer, o *Evangelho do Iluminismo*. caiu em solo fértil, pois a geração que se contava entre os seus discípulos fora a mais liberal de todas. Se Julius Frank “foi amado e respeitado por todos que o conheceram, pelos seus alunos, porém, foi endeusado”²¹ De seu livro que Koseritz refere em tradução — *Lehrbuch der Geschichte* —, mas que, tanto quanto se sabe, não foi nem escrito, nem traduzido jamais em alemão, diz que Frank o escreveu em português clássico e se tinha tornado, já àquele tempo, “um monumento perene de sua atividade”,²² tão raros eram ainda os exemplares existentes. Aqui von Koseritz parece ter perdido francamente o horizonte da objetividade para ceder às sugestões da fantasia. Na verdade, Frank chegou a cogitar de compor um resumo de História Universal. Modesto e consciente das dificuldades de empreendê-lo, decidiu-se inicialmente pelo resumo, já pronto, de Poelitz, que tinha sido professor na Universidade de Leipzig. Logo, porém, voltou a estar consciente de que nem o *Resumo* de Poelitz estava em condições de atender em tudo às necessidades do “Estabelecimento” como dizia, e que só podia ser a então *Academia de Ciências Jurídicas e Sociais de São Paulo*. De sorte que, precisando uma questão ainda desnecessariamente controversa, nem Frank foi o só autor dos *Resumos de História Universal*, publicados em São Paulo, na Typographia de M. F. Costa Silveira, situada na Rua São Gonçalo, n. 14, nem foi tampouco o seu mero tradutor em língua portuguesa.

O que teria trazido Frank ao Brasil? Está aí outro ponto de incerteza entre os que se ocuparam do tema. Teria fugido à condenação à morte, por ter assassinado Kotzebue? Tentava fugir das dívidas que contraíra e que já o tinham obrigado a deixar Göttingen e ir para Leipzig, mudando-se, logo a seguir, para Berlim? Fato é que.

²¹ KOSERITZ. *Bilder ...*, cit., S. 371.

²² *Bilder ...*, cit., S. 371.

segundo Sommer, na Páscoa de 1827 seus credores obtiveram um mandado para sua prisão.²³

Koseritz declara que Julius Frank provinha de uma grande e rica família da burguesia — hipótese que Afonso Arinos dá como nunca tendo sido confirmada e improvável.²⁴

A hipótese de Koseritz é diversa e tem a ver com as práticas das *Burschenschaften*.

Mas o que eram as *Burschenschaften*?

Sob o nome genérico de *Burschenschaft*, designa-se um agrupamento de estudantes universitários, cuja origem remonta à passagem do século XVIII para o século XIX. O termo *Burschenschaft* teria sido empregado pela primeira vez em 1791 no sentido de designar a totalidade do corpo discente de uma universidade. Com o tempo, o termo adquiriu sentido mais restrito e denotava um fluxo de renovação estudantil até que, a partir de 1815 passou a ser empregado para caracterizar especificamente o movimento que, inspirado nas guerras libertárias e no espírito nacional-revolucionário, empenhava-se especialmente em promover a unidade da nação alemã. Em 18 de outubro de 1817, por ocasião do 4º aniversário da batalha em Leipzig celebrou-se a Primeira “Festa de Wartburg” dos estudantes da Universidade de Iena, quando, então, o ideal encontrou seu ápice. Em 1818 estava fundada uma espécie de central do movimento, a *Allgemeine Deutsche Burschenschaft*, pouco depois, em 1819, proibida como *movimento demagógico*. Assumiram a partir de então as *Burschenschaften* caráter clandestino e foram perseguidas até 1848.

Entre as atividades das *Burschenschaften* estava a prática esgrimática, chamada de *Mensur*; palavra que veio do latim *mensura* e que queria denotar a *distância* que os competidores, na esgrima, deviam observar. Por transnomação, passou a significar a própria luta de esgrima. A partir da segunda metade do século XVIII as práticas de esgrima estudantis passaram a submeter-se a regras cada vez mais rigorosas, com o fim de evitar que terminassem em morte.

Ora bem, conforme o relato de Koseritz, o jovem Julius Frank ingressou em uma *Burschenschaft*, o que teria atraído contra si, em razão de sua origem ilustre, o ódio dos círculos aristocráticos. “Seguiram-se *Mensur* após *Mensur*, até que em uma delas Frank feriu de morte o seu adversário. E, como, a esse tempo, a perseguição da

²³ Cf. Wahrheit und Dichtung ..., cit., S. 170-171. A prisão por dívida só seria extinta na Alemanha por uma lei de 24 de maio de 1868: Cf. PLANITZ, Hans. *Grundzüge des deutschen Privatrechts*. Berlin: Springer, 1925, S. 81.

²⁴ Cf. KOSERITZ. *Bilder* ..., cit., S. 370; MELO FRANCO. *Imagens...*, p. 269, nota 87.

Burschenschaft pelo Governo já estava em curso, ele teve de fugir”²⁵ E, foi, então que veio dar no Brasil.

A mais surpreendente informação da crônica de Koseritz reside no seu registro de como Frank foi por primeiro reconhecido no Brasil como homem de talento e de preparo verdadeiramente extraordinário pela sua pouca idade. *Surpreendente* por dois motivos. Primeiro, porque, tanto quanto sei, o episódio não é repetido por nenhum outro cronista da vida e obra de Frank no Brasil. Segundo, porque tampouco é referido, nem mesmo para ser simplesmente contestado, por quem quer que seja, que se tenha ocupado da matéria, sem embargo de a obra de Koseritz ser citada por vários, ainda que ignorada por muitos.

Deixemos que fale o próprio Koseritz.

Depois de narrar a chegada de Frank ao Brasil, onde acabou por triunfar, observa Koseritz:

“Era o começo dos anos trinta, quando um senador altamente preparado e já idoso, viajando pela Província de Minas, encontrou, em uma mercearia, um empregado alemão, que estava lendo Homero no original grego... O Senador (educado na Europa) surpreendeu-se não pouco e começou a conversar com o jovem criado, o qual lhe disse que teria estudado e, por motivo de complicações políticas, fora expulso de sua pátria. O bondoso Senador tratou de retirar imediatamente Julius Frank da situação imerecida em que se encontrava e o tomou como professor particular para sua família. Da família foi ele chamado para professor de História e Filosofia (para o Curso Preparatório) da Academia de S. Paulo”²⁶

Causa verdadeira estranheza que o tradutor Afonso Arinos, nascido em Belo Horizonte, ligado a dois tradicionais troncos de famílias mineiras, e que tantas notas menos importantes apusera a Koseritz, tenha-se omitido por inteiro nessa passagem. Nada disse, nem para afirmar que se tratava de um engano ou qual teria sido o “velho senador”, nem para explicar ou conjecturar como e por que Frank viria a dar com os costados na longínqua Província de Minas. E onde em Minas? Ouro Preto? Mariana? Juiz de Fora, então o arraial de Santo Antônio do Paraibuna, à beira do *Caminho Novo* e mais perto do Rio de Janeiro?²⁷

Uma nova oportunidade para Afonso Arinos manifestar-se sobre a isolada informação de Koseritz abriu-se mais tarde em sessão plenária do Conselho Federal de

²⁵ *Bilder ...*, cit., S. 370.

²⁶ *Bilder...*, cit., S. 370.

²⁷ O chamado *Caminho Novo* ou *Caminho Novo de Garcia Rodrigues Paes* foi uma rota alternativa criada no início do século XVIII para ligar a região de Vila Rica ao Rio de Janeiro.

Cultura, na qual se debateu a propósito de Pimenta Bueno e de que participaram também Miguel Reale e Pedro Calmon.²⁸ Note-se mais que Afonso foi historiador de significativa e relevante produção, conforme destacou, por exemplo, Alberto Venancio Filho, seu sucessor na Academia Brasileira de Letras.²⁹

Nenhum dos autores que me foi possível consultar abrem sequer espaço para esta suposta permanência de Julius Frank em Minas. Todos refazem o seu percurso do Rio de Janeiro, onde teria estado preso na Fortaleza da Lage, até a cidade de São Paulo, sem mencionar hiatos possíveis para uma incursão a Minas. Do Rio teria passado a Ipanema, na Província de São Paulo: de Ipanema a Sorocaba e de Sorocaba à cidade de São Paulo. Nem mesmo Afonso Schmidt que escreveu a biografia romanceada de Julius Frank³⁰ encaixou, com a liberdade que o gênero literário lhe consentia, este suposto episódio, que certamente enriqueceria a trama de sua criação.

É verdade que Sacramento Blake refere a circunstância de Frank ter-se empregado em uma estalagem, após a soltura da Fortaleza da Lage, sem dizer que estivesse o estabelecimento no Rio de Janeiro mesmo, ao contrário de Sommer que o põe ali.³¹ Teria ido tentar a sorte em Minas? Como não há, até o ponto que foi possível investigar, documentação da vida de Frank desde sua estada em Berlim, em janeiro de 1828, até, pelo menos, sua nomeação para Lente do Curso Preparatório, em 1834, quando era presidente da Província de São Paulo Rafael Tobias de Aguiar e Diretor da Academia o professor Carlos Carneiro de Campos, tudo o mais parece estar apoiado em tradição oral. Portanto, aberto a novas investigações.

A conexão mineira — chamemo-la assim — tem o seu quanto de sedução. A Província de Minas Gerais detinha expressão cultural capaz de oferecer possibilidades de sobrevivência ao jovem trânsfuga. E, ao lado disso, toda a sedução com que as montanhas sempre acenaram aos fugitivos.

Deixando de parte, quais teriam sido as verdadeiras motivações para Frank se esconder em Minas Gerais, vejamos outros pontos do registro de von Koseritz. Quem teria sido o “bondoso senador” já entrado em anos, educado na Europa que o teria identificado e conduzido a São Paulo, como preceptor de sua família?

Difícil pergunta.

Dois me parecem preencher, em parte, a descrição de von Koseritz com a vantagem de oferecerem amplas ligações com Sorocaba para onde teria ido parar Frank.

²⁸ Cf. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*, Rio de Janeiro, n. 34, jan./fev./mar. 1979, p. 91.

²⁹ Cf. *Elogio de Afonso Arinos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1992, p. 29-33.

³⁰ *A Sombra de Júlio Frank*. São Paulo: Clube do Livro, 1950.

³¹ Cf. SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1899. v. 5, p. 260; SOMMER. *Wahrheit...*, cit., S. 170.

Um deles seria o Padre Diogo Antônio Feijó. Bem, o Padre Feijó não tinha propriamente família, no sentido estrito, mas é certo que dispunha de escravos e criadagem. Culto, sim, o Padre era. Mas não se educou na Europa. Em favor de seu preparo intelectual, pode-se lembrar que fez parte do que ficou conhecido como *os padres chamados do Patrocínio*, uma certa comunidade que se reunia para rezar na Igreja a quem o cônego Fernandes Pinheiro, segundo relata Octavio Tarquinio de Sousa, se reporta como o “Porto Real de Itu” isto é, um novo Port-Royal, um Port-Royal ituano. Lembra Octavio Tarquinio de Sousa, de resto, que a Itu já se chamou, “com igual destemor ao ridículo” de Roma brasileira.³²

Outro senador que não pode deixar de vir à colação, na hipótese mineira, é Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Português de nascimento, formado em Coimbra, foi figura fundamental na vida política, social, econômica e cultural do Primeiro Reinado. De 1828 até 1859 foi senador por Minas Gerais, mas teve, contemporaneamente, intensa atuação em vários domínios da vida pública de São Paulo, inclusive Diretor desta Faculdade de Direito no período que vai de 1837 a 1842 e que abarca, portanto, o mais da história frankiana.

O espaço *ad hoc* que envolve geográfica, econômica e culturalmente Minas Gerais, a cidade de São Paulo e a região de Ipanema e de Sorocaba no Primeiro Reinado é o palco de intensas trocas e movimentações, por onde transitam figuras de proa, como o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, Dona Domitila de Castro Canto e Melo —a Marquesa de Santos—, o Senador Vergueiro, o Padre Diogo Feijó. A economia pivota em torno da siderurgia e do comércio de muares, dois núcleos que alimentam, ao lado da política, toda as forças deste ecúmeno, onde a abertura do curso jurídico em São Paulo se nutre do entusiasmo dos seus pais, mas sofre com as limitações inexoráveis de recursos humanos e materiais. Tudo é possível neste cenário, inclusive estranhos percursos para o jovem Julius no seu errático destino por terras tropicais.

Deixem-me, em meio a estas imprecisões e conjecturas, pedir sua atenção para o papel de Julius Frank como figura de coesão do espírito universitário que se implantava na Paulicéia da primeira metade do século XIX.

A Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e a de Olinda, depois Recife, nascem sob a pesada tradição coimbrã e ainda marcadas por forte espírito contra-reformista. Em rigor, precedem à Idade Moderna para quem considerar o seu início, como parece convir melhor à historiografia crítica, o terremoto de Lisboa, em 1755. e

³² SOUZA, Octavio Tarquinio de. *Diogo Antônio Feijó (1784-1883)*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1942, p. 26.

não mais a queda de Constantinopla em 1453.³³ No Brasil moço e independente, de 1827, os cursos jurídicos expressavam, de certo modo e ao mesmo tempo, a glória mas também a decadência da Idade Média.

O jovem Frank é o vetor de novas idéias. Chega ao Brasil cerca de 20 anos apenas depois da fundação da Universidade de Berlim, onde o sopro da renovação empreendeu uma varredura sem precedentes na história do pensamento ocidental. Não mais compêndios prescritos como aqui — na contramão dos novos tempos — iriam se estabelecer por obra dos Estatutos do Visconde de Cachoeira, mas, como lembra Ralf Dahrendorf: o domínio da “*liberdade de ensino, que orienta o estudo*” e “*a unidade entre o magistério e pesquisa*” “*A fundação da Universidade de Berlim*”, continua Dahrendorf, “*é o fundamental acontecimento da nova história da Universidade dentro e, em parte, também fora da Alemanha*”³⁴ O périplo da construção começa com os fundadores — Fichte, Schleiermacher e Wilhelm von Humboldt — passa pelos críticos — como De Lagarde e Max Weber — para chegar aos modernos reformadores, homens já do nosso tempo, como Max Scheler e Karl Jaspers.³⁵

Nos anos que se seguem ao nascimento de Julius Frank até o seu embarque para o Brasil, o que ocorre na Europa? Começam as escavações de Pompéia. Napoleão suspende a Santa Inquisição, o polonês Etienne Louis Malus descobre a polarização da luz através da reflexão, Lamarck cria sua teoria da evolução, Albert Thaer escreve seus “Princípios da Agricultura Racional”, etc., etc. Frank é, presumivelmente, quem traz aos estudantes do Largo de São Francisco, toda esta explosão de luz, ciência e arte, senão bem arrumada no seu espírito, seguramente bem incorporada no seu modo de ser e de haver com os estudantes, tornados seus próximos, tais como foram os que, desde a Idade Média, professores e alunos se reconheciam na *universitas scholarium et studiorum*, a fraternidade pura no pão e no saber. Para quem lê o que foram os entraves da criação dos cursos jurídicos, a limitação dos recursos e, depois, a precariedade do funcionamento e a deficiência de nossos primeiros Lentes, talvez não soe exagerado

³³ Como observa Judith Shklar, a idade moderna “tem muitos nascimentos” O seu preferido é justamente o terremoto de Lisboa em 1755: SHKLAR, Judith N. *The Faces of Injustice*. New Haven — London: Yale University Press, 1990 ©, p. 51.

³⁴ Traditionen der deutschen Universität. In: KIPPHOFF, Petra, von Randow, Thomas & ZIMMER, Dieter E. (Hrsg.). *Hochschulführer*. Durchges. Neuaufll., Hamburg: Nannen-Verl., 1966 ©, S. 14.

³⁵ Os cinco textos — havidos por *capitais* — do tempo da refundação segundo o idealismo clássico e o realismo romântico — *die fünf Grundschriften* —, produzidos por F. W. J. Schelling, J. G. Fichte, Friedrich Schleiermacher, Heinrich Steffens e Wilhelm von Humboldt, foram reunidos em livro sob o nome *Die Idee der deutschen Universität* e publicados, com Prefácio de Ernst Anrich, em Darmstadt, por Hermann Gentner Verlag, no ano de 1956. Uma edição semelhante se empreendeu, pouco tempo depois, na América Latina, em versão espanhola, com excelente prefácio de Juan Llambias de Azevedo: Cf. INSTITUTO DE FILOSOFÍA [de la] FACULTAD DE HUMANIDADES Y CIENCIAS [de la] UNVERSIDAD DE MONTEVIDEO. *La idea de la Universidad en Alemania*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1959.

dizer que Julius Frank salvou a academia brasileira de um imprevisível desastre. Somada sua contribuição ao anterior entrocamento com o *usus modernus Pandectarum* que se seguiu à Lei da Boa Razão, de 1769, é provavelmente ao que mais devemos termos criado uma ciência jurídica que não fosse uma Ciência do Direito nacional. Livramo-nos, assim, *avant la lettre* de incorrer na objurgatória de von Jhering quando ensinava que “a ciência do direito se avilta, quando se faz ciência do direito nacional”³⁶

Creio que, mais que tudo, é isso que as Arcadas e o Brasil devem a Julius Frank. Isso o que sobreviveu à sua breve passagem pela vida e hoje fazem desta venerável instituição a *alma mater* da Ciência do Direito no Brasil. Aqui fundou Julius Frank a primeira grande escola do pensamento alemão em solo brasileiro, de que foi, depois, chefe incontestável seu aluno e futuro professor nesta Faculdade, o Conselheiro Dr. Antônio Joaquim Ribas.

Meus Senhores:

Julius Frank é tema inesgotável. E quanto mais enigmático, mais sedutor. É bom que se possa continuar garimpando aqui e acolá novas histórias de sua trajetória boêmia e ensaiando pistas originais de sua vida errática. Confessemos todos, frankianos de qualquer matiz, que isso tem o seu encanto e o seu charme.

Mas suponho, de outra parte, que há muito de amadorismo perdulário nesta pauta de procedimento, inevitavelmente limitado em seu alcance e irregular nos seus efeitos.

Permitam-me, pois, que tome a presente oportunidade para sugerir a criação na Universidade de São Paulo, com alocação didática em sua Faculdade de Direito, de uma *Cátedra de Estudos Frankianos*.

Sem qualquer pretensão de catalogar, *taxationis causa*, o que poderia constituir os seus fins, lembraria, de imediato, os seguintes:

1. Promover a reunião, a catalogação e a preservação dos documentos e objetos outros relativos à vida e à obra de Julius Frank, ao mesmo tempo que responder, nessa condição, pela respectiva disponibilidade a interessados de dentro e de fora da Universidade de São Paulo;

2. Ministrando cursos de diferentes amplitudes e propósitos para divulgar a obra de Julius Frank, bem como despertar e manter o interesse pelo que foi e é na sua obra, enquanto homem e professor;

³⁶ Citado em NEUMAYER, Heinz. Erster Teil: Grundriß der Rechtsvergleichung. In: GRASSMANN, Günther u. a. (Bearb.). *Einführung in die großen Rechtssysteme der Gegenwart*. 2. dt. Aufl. auf der Grundlage “Les Grands systèmes de droits contemporains” von René David und Camille Jauffret Spinosi, München, 1989, S. 1.

3. Promover o intercâmbio docente e de pesquisas com outras instituições, particularmente as do Exterior com vistas ao melhor conhecimento de Julius Frank;
4. Orientar monografias, dissertações, teses e ensaios sobre Julius Frank;
5. Organizar colóquios, debates e encontros sobre Julius Frank.

São Paulo, 10 de agosto de 2006.



Professor João Baptista Villela